

Em defesa do nosso patrimônio

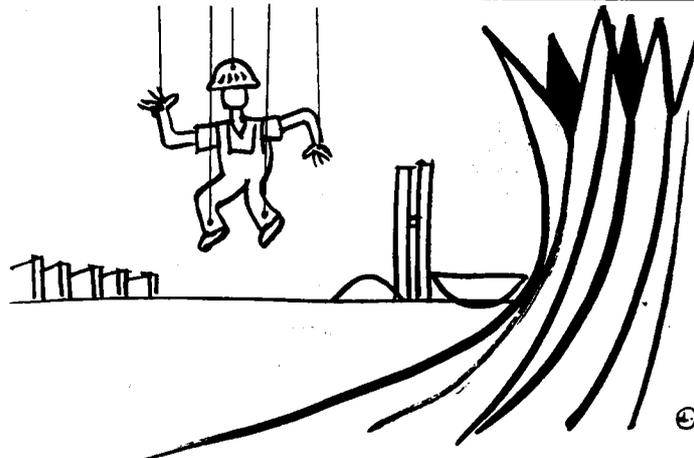
Comemorando os 26 anos de nossa cidade como capital e após um ano de convivência com a abertura democrática negada ao povo brasileiro durante duas décadas de governo militar, tenho imenso interesse no desenvolvimento desta transição político-administrativa que poderá fortalecer as nossas bases para a adoção das reformas urgentes reclamadas em vários setores da vida nacional. Uma delas, mais afeta à nossa competência profissional, é o do gravíssimo e vergonhoso problema habitacional, com cerca de quarenta milhões de brasileiros sem teto. Temos tudo para programar e corrigir esse assombroso déficit que cresce à razão de 2,4 por cento ao ano.

Com a viabilidade da solução desse e de outros graves problemas, o povo brasileiro, motivado pelas metas progressistas em andamento, se prepara a fim de assumir no tempo histórico o seu magnífico destino que vem sendo moldado durante séculos pela sua maior formação e ascendência portuguesa.

Não tive a sorte de ser filho de uma dessas nações indígenas da bacia amazônica, mas, no cadinho da nossa formação étnica, tenho a grande satisfação e o especial orgulho de ter uma dosagem bem maior de sangue português nas minhas veias, alimentado pelas moedas dos engenhos capixabas da antiga capitania do Espírito Santo.

Como arquiteto, produto da experiência vivida com Brasília desde 1956 e em Brasília desde janeiro de 1960 com a equipe que desenvolveu o Plano Piloto de Lúcio Costa dirigida por Oscar Niemeyer, e, após vinte anos de permanente oposição ao regime militar imposto por uma absoluta mi-

GLADSON DA ROCHA



norria anantipatriota e golpista de duvidosa competência, uma conduta política coerente só poderá ser a de se confiar na liderança daqueles que foram oposição durante o regime opressor e se comportaram bravamente até o advento da Nova República.

Este posicionamento pessoal não é nada fácil para um arquiteto que, por natureza do seu comportamento profissional, sempre contestou e continuará contestando.

E ainda como arquiteto, profundamente envolvido com tudo que se identifica com a "idéia" Brasília, que discordo e contesto certas críticas dirigidas ao nosso arquiteto maior. Acredito mesmo que é um privilégio tê-lo de volta para colaborar mais uma vez com a nossa cidade-capital que tem significativa expressão arquitetônica mundial graças ao seu talento e à sua liderança profissional.

Há tempos conversava com um amigo ator que me confiava quanto ingrata era a sua arte. O momento do espetáculo, o happening daquele exato momento atuado, era toda a satisfação profissional que lhe cabia na arte de representar. Como gente séria de teatro, é claro que ele sabia

que aquele preciso momento atuado pode ficar gravado para sempre em nossas mentes.

Eu diria que mais ingrata ainda pode ser a profissão do arquiteto. A obra de arquitetura tem um aspecto mais permanente pela presença do volume construído exposto aos olhos da comunidade. Em geral, pela ausência de maior criatividade, ela é inexpressiva mas fica em exposição permanente, impondo a todos um padrão bem inferior de espaço concebido.

O problema é mais grave ainda quando se sabe que de tudo o que se constrói, somente cerca de dez por cento são projetados por arquitetos. Com certa frequência, obras de expressão superior são modificadas ou detalhadas com deficiência, à revelia do seu autor, e passam a sofrer críticas ou comentários negativos dos que as observam.

E o que está acontecendo com algumas obras de Oscar, que, de volta a Brasília, entre outras várias propostas para a cidade e arredores satélites, está tratando de recompor algumas de suas obras de importância fundamental para o prestígio da arquitetura de Brasília, que foram modificadas sem a sua autorização

ou foram detalhadas sem a sua supervisão.

Ainda bem que, em geral, justamente os que assumem esse tipo de crítica não fazem arquitetura ou, quando a fazem, fazem mal.

Há certos valores de composição de arquitetura que só podem ser vistos, sentidos ou totalmente assimilados por aqueles que fazem e convivem diariamente com o projeto de arquitetura de melhor expressão. Essa vivência diária molda a sensibilidade e a percepção necessárias para ver arquitetura, ler espaço e saber se uma obra desenhada em duas dimensões terá ou não expressão maior quando edificada e assumir as suas três dimensões.

Já ouvi outras críticas igualmente equivocadas. Lembro-me do Congresso Internacional de Críticos de Arte realizado em Brasília, em setembro de 1959.

Entre dezenas de críticos de arte e arquitetos mais importantes de todos os países presentes ao evento, Bruno Zevi e mais dois outros arquitetos, cujos nomes não me recorde porque não me interessaram, fizeram comentários desmerecendo as soluções propostas por Oscar para o Palácio da Alvorada e as edificações da Praça dos Três Poderes. Esses comentários prosseguiram após o Congresso até o dia que foram publicadas as aberrações projetadas por aqueles pequenos e mesquinhos seres humanos arquitetos. ...Silêncio total! Os Zavis sumiram para sempre, mas a obra de Oscar continua bela e expressiva, fazendo de Brasília, entre todas as cidades que conhecemos, a de maior porcentagem de edifícios com excepcional valor arquitetônico contemporâneo.

A um mestre desse porte devemos o maior respeito e a nossa mais profunda admiração e gratidão.